

Reduto esquerdista dá preferência à direita

FÁTIMA XAVIER

As urnas mal foram abertas mas as últimas pesquisas garantem que Joaquim Roriz volta ao Buriti e entra para a história como o primeiro governador eleito do DF. Ele teve a preferência do eleitorado, o mesmo que, há dez meses, rejeitou o presidente Collor, seu maior cabo eleitoral, e deu para o candidato do PT à Presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva, 59 por cento dos votos válidos. O que é que há com a população de Brasília, tradicional reduto progressista? O binômio esquerda/direita arrefeceu? O eleitor de Lula sucumbiu ao discurso carismático e populista do ex-governador? O sonho acabou?

Tudo indica que o povo não está preocupado com isso. O que ele quer mesmo é satisfazer suas necessidades básicas como abrigo, escola, alimentação e saúde. Roriz veio e lhe deu lotes. E o povo compreendeu que não é possível dar tudo ao mesmo tempo. Oferece-lhe, agora pessoalmente, outra chance de terminar o que começou. Clientelismo? Para o eleitor e consultor econômico da Confederação Nacional de Agricultura (CNA), Antônio Lício, o ex-governador é um exemplo para o resto do País. Fez o que é legitimamente político e como tal foi perfeito. Roriz entendeu que governador do DF é na verdade um prefeito. "A incompetência gerencial foi dos seus antecessores", sentencia.

Dessa opinião compartilha também o analista do Instituto Soma, Ricardo Pinheiro Pena. Para ele, o ex-governador José Aparecido é o grande responsá-

vel pelo fenômeno Roriz. Sem apelo popular, Aparecido deixou uma imagem tão depolarável que qualquer sucessor não poderia ser pior. Mas Pena, contudo, justifica tanto sucesso no pleito também pela ausência de bons candidatos.

Enquanto os analistas e políticos insistem que, nunca houver polarização entre esquerda e direita até porque o eleitorado do DF, como de todo o País, não vota em siglas ou ideologias, o presidente do PCB, virtual deputado distrital, Carlos Alberto, garante que "o sonho não acabou". "Não foi a esquerda que arrefeceu, surgiu um fenômeno de alienação". Chega a afirmar que a esquerda continua com prestígio em Brasília. Prova disso seria o seu próprio sucesso nas pesquisas eleitorais como de outro candidato comunista, o deputado federal, Augusto Carvalho. Para Carlos Alberto, o desejo de criação de uma sociedade justa em que a riqueza seja bem distribuída e as oportunidades iguais não morreu. "Está tão vivo, necessário e apaixonante como era com Marx em 1848".

Para a arquiteta Vera França e Leite, marxista e com especialidade em planejamento urbano, o discurso dos liberais que, hoje, garantem ser a solução para tudo não existe. "É como o discurso conservador de Collor que se reveste de modernidade e de moderno não tem nada", afirmou. Ela condena Samambaia que chama de gueto e lembra que é pior que o ex-BNH.

O virtual senador e atual deputado Valmir Campelo acha que as eleições presidenciais não podem ser comparadas com esse pleito que deve elegê-lo.